

ESTUDANTES CONTRA O EIXO:

AS MANIFESTAÇÕES DA UNE E A RELAÇÃO COM O ESTADO NOVO

Angélica Muller*

Este artigo é parte integrante da dissertação de mestrado que está em andamento sobre a política de juventude de Vargas e a criação e atuação da União Nacional dos Estudantes, a UNE, durante o Estado Novo. Neste recorte, pretende-se abordar os aspectos que levaram a entidade a realizar as inúmeras passeatas que contribuíram para que o governo se posicionasse contra o Eixo durante a Segunda Guerra, bem como o desdobramento principal desta ação: a cedência do Clube Germânia para os estudantes.

O governo de Getúlio Vargas encontrava-se dividido. Junto com Osvaldo Aranha estava o Ministro da Justiça, Arthur de Souza Costa, além do prefeito do Distrito Federal, Henrique Dosdworth e do Interventor do Rio de Janeiro, Ernani do Amaral Peixoto. Outros, porém, simpatizavam com o Eixo, caso do Ministro da Guerra Eurico Gaspar Dutra e do seu Chefe de Polícia, Filinto Müller.

Por sua vez, os estudantes encontraram em Osvaldo Aranha um aliado às forças democráticas e, com seu amparo, organizaram uma grande passeata marcada para o dia 04 de julho, não por acaso dia da independência dos Estados Unidos.

Dias antes, os rumores sobre a passeata já se faziam presentes na capital. Em 1º de julho o Correio da Manhã publica uma matéria intitulada “Reafirmação da fé no destino da democracia”ⁱ relatando o desfile que seria promovido pelos universitários. A matéria apresenta que o objetivo do desfile seria um repúdio ao fascismo. No dia seguinte, outra matéria, no mesmo jornal, previa que estavam sendo esperados mais de doze mil estudantesⁱⁱ.

Naquela semana, ainda, os estudantes receberam importantes adesões de classes sociais organizadas como a dos bancários do Banco do Brasilⁱⁱⁱ. No dia previsto, o Correio da Manhã publicava “A cidade ouvirá na tarde de hoje, o clamor da mocidade universitária contra os bárbaros do Eixo”^{iv}.

José Gomes Talarico relembra^v que a ajuda para manifestação vinha de todas as partes. Além de vários embaixadores, as sociedades carnavalescas, por exemplo, emprestaram seus carros e alegorias. Outra questão evidenciada por Talarico foi a adesão dos jornais o Correio da Manhã e o Globo que, segundo entrevistado, apoiavam também uma posição antifascista. Sendo assim, não se estranha as inúmeras reportagens apresentadas pelo primeiro jornal sobre o fato em questão.

E assim, com a organização de Paes Leme, Hélio de Almeida, José Gomes Talarico e os filhos de Osvaldo Aranha a passeata contou com a participação de milhares de jovens que combateram a política traçada pela Alemanha, Itália e Japão. Hélio de Almeida relata os bastidores da passeata:

“Fomos ao chefe de polícia, o Capitão Filinto Müller, de triste memória, pedir licença para organizar a passeata, que iria da Praça Mauá até o Palácio Monroe e ele a proibiu por considerá-la subversiva. Fomos então ao Ministro interino da Justiça, o embaixador Vasco Leitão da Cunha, um bom democrata e que já tinha, inclusive, servido na embaixada do Brasil em Washington. Sua Excelência ficou muito contrariado com a atitude de seu subordinado hierárquico e nos disse que tínhamos todos os poderes para realizar a passeata e que ele daria ordens para que a polícia não interviesse no assunto. Na véspera da passeata o senhor Filinto Müller foi ao gabinete do Ministro para dizer sua oposição à passeata. Houve uma discussão que chegou às vias de fato. Foi um escândalo tremendo e depois da passeata, realizada com pleno sucesso, o Dr. Getúlio Vargas, num momento de lucidez, demitiu o senhor Filinto Müller.”^{vi}

A discussão entre Vasco Leitão e Filinto Müller acarreta na prisão do ex-chefe de Polícia, determinado pelo próprio Vasco Leitão. Além do Chefe de Polícia, o Ministro da Justiça, Francisco Campos e o chefe do DIP, Lorival Fontes, são exonerados dos seus cargos em 17 de julho daquele ano.

Alexandre Marcondes Filho, que ocupava então o Ministério do Trabalho, assumiu a pasta da Justiça. Já para Chefia de Polícia é escolhido o democrata tenente-coronel Alcides Gonçalves Etchegoyen.

No domingo, dia 05, a primeira página do Correio da Manhã estampava: “Unidos em vibrante demonstração de civismo, os estudantes levaram a efeito, ontem, um desfile em que significaram sua condenação política do Eixo”. Dentre outros comentários, o periódico ressaltava:

“Se magníficos exemplos de patriotismo são conhecidos através das campanhas desenvolvidas no terreno político pelos jovens que sabem amar a Pátria e defendê-la em qualquer emergência, é confortador assistir ao pronunciamento que a classe estudantil, unida e coesa em torno de princípios democráticos que sempre nortearam os ideais de nossos maiores, forma hoje uma força indestrutível, de que nos devemos orgulhar.”^{vii}

O Estado de São Paulo também colocou como manchete em sua primeira página: “Grande manifestação estudantil contra o regime totalitário: constituiu empolgante manifestação de fé nos princípios defendidos pelas Nações Unidas, o grande desfile de ontem no Rio, promovido pela mocidade escolar.”^{viii}

Várias passeatas seguiram e, em 18 de agosto na Praça da Sé em São Paulo, logo após o afundamento de cinco navios brasileiros pelos alemães na costa dos estados da Bahia e Sergipe, nova grande manifestação foi planejada pelos estudantes de direito. Mesmo dia, de acordo com John W. Foster Dulles, que os “estudantes universitários fizeram uma investida contra o Clube Germânico do Rio de Janeiro”^{ix}.

Uma comissão, encabeçada pelo presidente do Centro XI de Agosto, Oscar Bressane, publicou uma nota no vespertino Folha da Noite convocando “o povo de São Paulo para uma enérgica demonstração de civismo”^x.

A passeata seguiu com a permissão do Secretário de Segurança do Estado, Acácio Nogueira, que inclusive forneceu a banda da Guarda Civil para tocar o

Hino Nacional. Além de vários cartazes os estudantes e seus “convidados usavam gravatas pretas e pedaços de crepe preto na lapela”^{xi}.

Ao final do ato foi lido o telegrama que os estudantes de direito enviaram à Vargas: “a mocidade acadêmica e o povo de São Paulo, irmanados em comício público pelo mesmo sentimento de revolta ante a bárbara agressão (...) apontam Vossência como verdadeira resposta (...) a imediata declaração de guerra aos vândalos totalitários”^{xii}.

O telegrama foi publicado pelo jornal O Estado de São Paulo no dia seguinte. Apesar do subtítulo do jornal apontar “Telegramas de solidariedade ao Presidente da República”, fica clara a intenção dos estudantes de direito do Largo de São Francisco: responsabilizar Vargas pela falta de atitude com relação aos torpedeamentos e sua posição perante a guerra. Sabendo do posicionamento destes estudantes (contra o regime) não podemos deixar de verificar o fundo de contestação ao próprio governo, numa medida de desmoralização do mesmo.

Durante este período, várias foram as manifestações que ocorreram em todo Brasil. No dia 27 de agosto cerca de 30 mil pessoas compareceram ao “grande comício” no Estádio das Laranjeiras que contou com a presença do Ministro da Educação além do Embaixador americano Jefferson Caffery^{xiii}.

Além da pressão estudantil, segundo Dulles, o presidente Vargas se comunicava diretamente com Franklin Roosevelt e, após uma reunião ministerial, em 22 de agosto o Brasil declarava guerra contra os países do Eixo.

No melhor estilo da política americana, os estudantes brasileiros passaram a ser “porta-vozes” da entrada do Brasil na Guerra, ecoando assim, positivamente com a perspectiva dos Aliados. Positivamente também para os comunistas (pretensa maioria da direção da UNE) e para os anti-varguistas (os estudantes de direito do Largo de São Francisco) que entendiam a atitude do presidente como um retrocesso em sua política.

Vale observar também que os comunistas nesta época estavam à frente da UNE e que o partido realizou o Congresso da Mantiqueira em 1943 lançando a política de “união-nacional” para lutar contra o nazi-fascismo admitindo, dessa maneira, o apoio de Getúlio Vargas^{xiv}.

Para o historiador José Alberto Saldanha de Oliveira, a pressão da UNE sobre Vargas estava centrada mais no plano da política externa do que propriamente na natureza do regime político do país. Neste sentido, o espírito de combate ao totalitarismo nazista e de defesa da liberdade e da democracia que embasou a vitória das forças aliadas na II Guerra, foi incorporado não só pela UNE e seus estudantes, mas também por setores civis e militares do Governo Vargas e pela oposição, tanto a liberal quanto a comunista.^{xv}

Mais do que isso, mesmo com as diferentes correntes dentro do movimento estudantil, a melhor maneira encontrada para externar sua insatisfação, num primeiro momento, foi contra a política externa do governo Vargas. Pensar que este foi o único motivo é deixar de lado a complexidade da própria política governamental e da atitude como os estudantes reagiam perante a mesma.

O que vale observar a partir daí é que as reivindicações dos estudantes, restritas anteriormente ao círculo universitário, ganharam dimensão e adesão do povo, que também saiu às ruas para lutar pelo posicionamento do país contra os países do Eixo. O movimento estudantil organizado saía das arcadas para, pela primeira vez, ganhar peso e respaldo da sociedade brasileira.

Como suas campanhas, a UNE continuava na “rua”. E é neste momento, em que a entidade trazia o respaldo da própria sociedade é que ela procura seu espaço. Com a guerra declarada, a política de nacionalização de Vargas foi posta mais que em prática com o intuito de terminar, principalmente com os núcleos de origem alemã, italiana e japonesa no país. As sociedades e as escolas eram os principais focos.

Foi nesse íterim que o Clube Germânia, localizado na Praia do Flamengo 132 foi fechado pelo governo. Não encontramos documentos no arquivo Capanema nem nos jornais da época, que pudessem traçar um panorama de como se procedeu a ocupação da UNE no Clube. Mas, as entrevistas de José Gomes Talarico e Hélio de Almeida nos revelam o episódio com versões um pouco distintas.

Talarico nos traz uma versão mais próxima daquela que Arthur Poerner descreve em seu livro. Segundo o ex-presidente da CBDU, ele, o presidente da UNE Paes Leme e Airton Diniz escreveram uma petição pedindo a ocupação do Clube Germânia. De posse do documento foram até o presidente Getúlio Vargas, que após a conversa, despachou favoravelmente o pedido em vez de abrir um processo através do mesmo. O passo seguinte estava nas mãos de Capanema. Assim descreve Talarico:

“Nós fomos ao Ministro da Educação pedindo que ele designasse uma comissão para fazer o levantamento, que era riquíssimo! Quadros, bronze, o que você pode imaginar tinha o clube... Então essa comissão fez o levantamento. E no terceiro andar, em duas salas, colocamos todos esses quadros, cristais, tudo ...”^{xvi}

A partir deste momento a UNE e as demais entidades estudantis instalaram-se no Clube Germânia: “o primeiro andar foi dado ao Diretório Central, inclusive para o restaurante, os locais para prazeres. O segundo andar para UNE e o terceiro para CBDU.”^{xvii}

Hélio de Almeida apresenta outra versão. Para o sucessor de Paes Leme:

“Um grupo composto pelo Paes Leme, por mim, que era presidente do DCE da UB, pelo José Gomes Talarico e os dois filhos de Oswaldo Aranha, o Vavau Aranha e o Euclides Aranha Neto, fomos ao Clube Germânia, procuramos seus diretores, dissemos-lhes que a UNE ia se instalar naqueles edifícios, e que nós dávamos cinco dias para o Clube Germânia evacuar o edifício de modo próprio e sem qualquer atribulação. Agora, se ao fim de cinco dias chegássemos e os encontrássemos ainda no edifício íamos trazer umas centenas de estudantes para botar todos os móveis na

rua. (...) Felizmente, chegamos depois de cinco dias e o prédio estava inteiramente desimpedido.”^{xviii}

Ainda segundo Hélio de Almeida somente depois da ocupação os dirigentes foram até o Ministro:

“Nós ocupamos o edifício e fomos imediatamente ao Ministro Capanema, com quem nós mantínhamos muito boas relações na ocasião e o Ministro assinou uma portaria, na mesma hora cedendo a UNE o edifício da Praia do Flamengo 132 que ficou, entretanto administrativamente subordinado ao Departamento de Administração do Ministério da Educação e Saúde e o administrador nomeado foi um senhor Catanhede.”^{xix}

Para além das versões apresentadas, o fato que deve ser analisado é o “status” que a entidade garantiu, principalmente depois das manifestações anti-Eixo. Passando pelo pedido à Vargas ou pela ocupação direta da sociedade alemã, a UNE evidenciou sua força política no contexto do Estado Novo. Tanto que o prédio ficou ocupado pela entidade até seu incêndio em 1964 pelos militares.

Neste momento, como em outros da sua história^{xx}, o movimento estudantil foi pioneiro em sair às ruas para protestar, mesmo que internamente com objetivos distintos, ganhando adesão da sociedade em suas causas. Importante para posteriormente desenvolverem às campanhas a favor da deposição de Vargas e seu regime, quando da supremacia dos estudantes de direito da USP no movimento.

* Mestranda em História Política da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

ⁱ *Jornal Correio da Manhã*, 1º de julho de 1942. p. 02

ⁱⁱ *Jornal Correio da Manhã*, 02 de julho de 1942. p.02.

ⁱⁱⁱ *Jornal Correio da Manhã*, 03 de julho de 1942. p.03.

^{iv} *Jornal Correio da Manhã*, 04 de julho de 1942. p.02.

^v BARCELLOS, Jalusa. *Ops Cit.* p.13.

^{vi} BARCELLOS, Jalusa. *Ops Cit.* p.19.

^{vii} *Jornal Correio da Manhã*, 05 de julho de 1942. p.01.

^{viii} *Jornal O Estado de São Paulo*, 5 de julho de 1942. p. 1ª.

^{ix} DULLES, John W. F. *A faculdade de direito de São Paulo e a resistência anti-Vargas 1938-1945*. Coleção Brasil século 20. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. São Paulo: EDUSP, 1984, p. 198.

^x *Idem.*

^{xi} *Ibidem.* P. 201.

^{xii} *Jornal O Estado de São Paulo*, 5 de julho de 1942. p. 04.

^{xiii} *Jornal O Estado de São Paulo*, 28 de agosto de 1942. p. 02.

^{xiv} NEGRO, Antônio Luigi; SILVA, Fernando Teixeira da. *Trabalhadores, sindicatos e política*. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de A. Neves. *O Brasil republicano: o tempo da experiência democrática*. Vol 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 54.

^{xv} OLIVEIRA, José Alberto Saldanha. *O mito do poder jovem: a construção da identidade da UNE*. Tese de doutoramento apresentada ao programa de pós-graduação em história da Universidade Federal Fluminense. Niterói: 2001 (não publicada). p. 53.

^{xvi} Entrevista José Gomes Talarico em 19 de outubro de 2004. p. 15.

^{xvii} Idem. Outro ponto interessante Talarico evidencia, sobre o incêndio do prédio em 1964, que merece registro: “Tanto assim que na ocupação da UNE por parte dos militares, esse patrimônio fabuloso que estava guardado desapareceu. Nós denunciamos isso, inclusive quem levou nunca se soube, nem os militares mandaram apurar.”

^{xviii} BARCELLOS, Jalusa. *Ops Cit*, p. 20

^{xix} Idem.

^{xx} Só para citar como exemplo, as primeiras passeatas para a campanha do Petróleo é Nosso, no final da década de 1940, foram organizadas pelos estudantes.